

ENSINO DE GEOGRAFIA INCLUSIVO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: CONCEPÇÕES E PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE DE LONDRINA (PR)¹

Karoline Oliveira Santos ²
Eloiza Cristiane Torres ³

RESUMO

Este trabalho apresenta as potencialidades da discussão do conceito de cidade no ensino de Geografia para pessoas com deficiência visual. Essa temática se constitui como relevante, pois a cidade é um espaço complexo e dinâmico, possui formas, funções e estruturas diversificadas. As pessoas vivenciam os espaços da cidade de formas distintas, de acordo com suas percepções, interesses e lugar que ocupam na sociedade. Compreender as múltiplas facetas da cidade permite interpretá-la como expressão da sociedade em sua essência desigual e contraditória e, ao mesmo tempo, lugar de encontro, de exercício dos direitos e vida coletiva. Nesse sentido, as questões norteadoras da pesquisa foram: quais as concepções e percepções das pessoas com deficiência visual sobre a cidade de Londrina? Como o conceito de cidade pode contribuir na construção de um conhecimento crítico-reflexivo? Quais recursos inclusivos podem ser utilizados em discussões sobre a cidade com estudantes com deficiência visual? Especificamente buscou-se: 1) Compreender quais os significados atribuídos a cidade de Londrina segundo as pessoas com deficiência visual; 2) Discutir teoricamente sobre as possibilidades inclusivas e contribuições do ensino de Geografia com ênfase para a discussão do conceito de cidade. As concepções dos estudantes estão articuladas aos significados, saberes, emoções e vivências, a valorização dos conhecimentos prévios permite conhecer as representações sociais construídas sobre a cidade e outras escalas geográficas. Faz-se necessário buscar práticas inclusivas capazes de proporcionar o desenvolvimento cognitivo dos estudantes com ou sem deficiência.

Palavras-chave: Educação geográfica, Inclusão, Processo de ensino-aprendizagem, Espaço urbano, Sentidos.

ABSTRACT

This work presents potentialities to discuss the concept of the city in teaching Geography to people with visual impairments. This theme is relevant, as the city is a complex and dynamic space, with diverse forms, functions, and structures. People experience city spaces in different ways, according to their perceptions, interests, and the place they occupy in society. Understanding the multiple facets of the city allows us to interpret it as an expression of a society in its unequal and contradictory essence and, at the same time, a place for meetings, the exercise of rights, and collective life. In this sense, the

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, Bolsista Capes, e-mail: karol.oliveira25@uel.br.

³Orientadora, docente da Universidade Estadual de Londrina - UEL, Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geociências, e-mail: elotorres@hotmail.com.

guiding questions of the research were: what are the conceptions and perceptions of people with visual impairments about the city of Londrina? How can the concept of city contribute to the construction of critical-reflexive knowledge? What inclusive resources can be used in discussions about the city with students with visual impairments? Specifically, we sought to: 1) Understand the meanings attributed to the city of Londrina according to people with visual impairments; 2) Discuss theoretically the inclusive possibilities and contributions of Geography teaching with an emphasis on discussing the concept of the city. The students' conceptions are linked to meanings, knowledge, emotions, and experiences, the valorization of prior knowledge allows them to understand the social representations built on the city and other geographic scales. It is necessary to seek inclusive practices capable of providing the cognitive development of students with or without disabilities.

Keywords: Geographic education, Inclusion, Teaching-learning process, Urban space, Senses.

INTRODUÇÃO

A cidade é um espaço dinâmico e mutável, suas transformações estão diretamente articuladas com as relações desenvolvidas e estabelecidas em uma sociedade fragmentada em classes. Em sua essência, a cidade é o reflexo das desigualdades e crescentes contradições, ao mesmo tempo, é lugar de encontro e palco das relações sociais. É possível sentir a cidade pelos sons, cheiros, aglomerações de pessoas e trânsito intenso, a cidade possui formas, estruturas e funções materializadas em espaços-tempos distintos.

As pessoas com deficiência visual constroem suas concepções e significados por meio dos sons, texturas, temperatura e odores. Essas percepções cinestésicas são detalhadas, a cidade pode ser definida pela ausência ou não de acessibilidade; barulho intenso do trânsito; vozes distintas em comércios e ruas. O lugar se torna um espaço multissensorial, os significados são construídos pela totalidade das percepções de cada indivíduo e a visão não se constitui como único elemento de apreensão dos elementos presentes na cidade. Nesse sentido, é essencial valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes com deficiência visual, para tornar as aulas inclusivas e com significado.

Partindo desses pressupostos, as questões norteadoras da pesquisa foram: Quais as concepções e percepções socioespaciais das pessoas com deficiência visual sobre a cidade de Londrina (PR)? Como o conceito de cidade pode contribuir na construção de um conhecimento crítico-reflexivo? Quais recursos inclusivos podem ser utilizados em discussões sobre a cidade com estudantes com deficiência visual? Especificamente buscou-se: 1) Compreender quais os significados atribuídos a cidade segundo as pessoas com deficiência visual; 2) Discutir teoricamente sobre as possibilidades inclusivas e contribuições do ensino de Geografia com



ênfase para a discussão do conceito de cidade.

O presente trabalho é uma articulação dos resultados da dissertação realizada no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (PPGEO-UEL) no ano de 2021, com a atual pesquisa do doutorado. Pensar como ensinar sobre a cidade e buscar compreender quais são os significados atribuídos segundo as pessoas com deficiência visual, possibilita aos docentes e discentes reconstruírem sua própria espacialidade, dialogando sobre as características próprias da cidade onde vivem com ênfase para as relações e inter-relações desse espaço fluído, dinâmico e educativo.

Os principais elementos que auxiliam na compreensão das pessoas com deficiência visual, sobre os elementos presentes na cidade são os sons, cheiros e os movimentos, permitindo a percepção sobre locais com aglomeração de carros, pessoas e localização de determinados serviços na cidade, como por exemplo: escolas, padarias, restaurantes, farmácias, postos de gasolina, entre outros. Essas percepções sensoriais estão diretamente articuladas com as vivências e subjetividades de cada indivíduo e com a organização das informações percebidas. Por isso, é importante realizar práticas no ensino de Geografia que permitam a construção de significados sobre o espaço e valorização dos conhecimentos prévios de todos.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa em um primeiro momento foram realizadas leituras sobre a Educação Especial na Perspectiva Inclusiva e estado da arte de teses, dissertações e publicações em periódicos e livros relacionados a discussões sobre a cidade no ensino de Geografia e o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com deficiência visual e educação, com ênfase para os autores: Almeida e Passini (2002), Caiado (2014), Carlos (2018), Januzzi (2012), Mantoan (2015), Valle e Connor (2014) entre outros.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, o método utilizado foi a Amostragem não Probabilística, conhecida como “Bola de Neve”, “*Snowball*” e “Cadeias de referência”. A partir de contatos-chave surgem indicações de possíveis participantes da pesquisa, é um processo permanente de coleta de dados, que utiliza uma rede para obter um conjunto de contatos potenciais, o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação do pesquisador, sendo importante estar atento aos detalhes do campo (VINUTO, 2014; YIN, 2016).

A pesquisa qualitativa é complexa, envolve condições filosóficas e metodológicas, por conta dessas características não pode ser definida apenas como um diário ou uma narrativa cronológica da vida cotidiana. Um dos principais objetivos é esclarecer determinados acontecimentos, por meio de conceitos existentes ou emergentes (YIN, 2016).

Para coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 a 3 horas e 30 minutos, todas as entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos participantes da pesquisa. A coleta de dados, ocorreu da seguinte maneira: após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos CAEE: 37726720.4.0000.5231, iniciou-se os contatos com os possíveis participantes da pesquisa, dentre dez contatos informados oito aceitaram e participaram da pesquisa, do início ao fim, estabelecendo vínculos de confiança.

As questões foram enviadas individualmente por gravações de áudio para o WhatsApp de cada participante, que responderam da mesma forma. As questões das entrevistas semiestruturadas foram divididas em duas discussões: 1) roteiro de aproximação com os participantes da pesquisa e 2) roteiro sobre as percepções e concepções sobre o conceito de cidade. A pesquisa foi realizada durante a pandemia, sendo suprimido o contato presencial com os participantes da pesquisa durante a coleta de dados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como a cidade pode ser definida? De acordo com o dicionário de língua portuguesa, consiste em uma grande aglomeração de pessoas em uma área geográfica circunscrita, com inúmeras edificações, que desenvolve atividades diversificadas. Além disso, é a sede municipal, onde se concentram as atividades administrativas (MICHAELIS, 2023). As definições estão diretamente articuladas com a dinâmica espaço-tempo, origem de novas perspectivas e relações sociais estabelecidas.

A cidade é compreendida de diversas formas, é um modo de viver, pensar e sentir. Esses elementos dão origem a diversidade do modo de vida urbano, responsável pela produção de ideias, comportamentos, valores, conhecimento e vivências de cada sujeito (CARLOS, 2018). Enquanto o urbano “[...] é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno” (SANTOS, 1994, p.69). Utilizar a cidade como escala de análise nas aulas de Geografia, propicia a compreensão da dinâmica e complexidade intraurbana, no

entanto, os conteúdos devem apresentar articulações com as vivências e conhecimentos prévios dos estudantes, almejando uma aprendizagem significativa.

A cidade possui uma tríade educadora, o que conseqüentemente possibilita: 1) aprender na cidade: espaço ou estruturas pedagógicas formada por instituições educativas formais ou não formais, encontros e vivências educativas não planejadas pedagogicamente; 2) aprender da cidade: expressa exemplos concretos da materialidade, formas, estruturas, os modos de vida, normas e atitudes sociais, tradições e diversos elementos culturais e simbólicos; 3) aprender a cidade: apresenta totalidade complexa, uma realidade mutável, onde atuam diversos e diferentes atores sociais, com funções e classes sociais distintas (TRILLA, 1997).

As múltiplas inter-relações presentes na cidade evidenciam um conjunto de conteúdos educativos, em síntese é um lugar que expressa a ação de diferentes atores sociais. No entanto, essa definição pode não ser a mesma para todos os seus habitantes, as narrativas e concepções são construídas de acordo com suas subjetividades.

Com relação às pessoas com deficiência visual, os lugares são compreendidos para além do visível, com ênfase para os elementos multissensoriais, a aglomeração de transeuntes evidencia um dia de grande movimento na cidade, os sons podem estar acompanhados de buzinas e diálogos entre as pessoas, o olfato pode identificar a proximidade de um restaurante, floricultura ou até mesmo, poluição atmosférica nos centros urbanos.

A cidade é um espaço perceptível, o emaranhado de informações e suas múltiplas facetas podem evidenciar as contradições do espaço urbano. Sob essa ótica, a cidade aparece como produto apropriado diferencialmente pelos cidadãos, pelo viés de sua divisão técnica e social. Por conter essas características, compreender as múltiplas facetas da cidade torna-se um ato educativo, porém para se tornar um objeto da educação geográfica faz-se necessário estabelecer uma relação significativa entre o saber formal e o informal (CASTELLAR, 2006).

A assimilação e compreensão de conceitos geográficos pode contribuir na análise e reflexão sobre a realidade ao qual os cidadãos estão inseridos. Por meio da formação de conceitos, os estudantes poderão compreender a realidade espacial que os cercam, sendo essencial buscar os significados e atribuições de acordo com sua experiência vivida, e com as dimensões sociais e emocionais, levando em consideração as especificidades e a dimensão total dos sujeitos (CAVALCANTI, 2011; 2012).

A articulação entre as subjetividades dos estudantes, conteúdo e método, são imprescindíveis na educação. Essa tríade direciona os objetivos da ação docente, influenciando no desenvolvimento do pensamento e raciocínio dos estudantes (ALMEIDA; PASSINI, 2002).

A aprendizagem só ocorre em totalidade por meio da compreensão, estudar sobre os agentes produtores da cidade, processo de urbanização e crescente desigualdade socioespacial será válido, se esses conteúdos tiverem significado na vida dos estudantes. Além disso, as práticas educativas devem ser inclusivas, faz-se necessário planejar e incluir todos os estudantes na sala de aula, elaborar aulas com objetivo e significados concretos, valorizando e dialogando com todos. Analisar as diversas possibilidades e potencialidades que o aluno com deficiência visual possui, reflete as concepções pedagógicas dos educadores (CAIADO, 2014).

Os sentidos possuem papel fundamental na compreensão do empírico, no entanto não são aparatos individuais, são sentidos sociais, por isso o diálogo e a valorização dos conhecimentos prévios são essenciais no processo de construção do conhecimento. A convivência na pluralidade é a condição fundamental para o desenvolvimento de pessoas com deficiência, e somente a socialização da educação pode proporcionar (CAIADO, 2014; VIGOTSKI, 2021).

Ao invés de atribuições visuais, os lugares são vivenciados por cheiros, sons, sabores e pelo tato, a multissensorialidade adquire papel central na construção de conceitos, por isso a estimulação precoce da criança com deficiência visual é primordial no desenvolvimento cognitivo. Pensando em práticas inclusivas, todos os elementos e particularidades dos estudantes com deficiência visual devem ser levadas em consideração, os professores devem conhecer as especificidades e quais as metodologias e recursos proporcionam um processo de ensino-aprendizagem significativo segundo a escolha dos estudantes.

Os recursos táteis são essenciais no processo de ensino-aprendizagem das pessoas com deficiência visual, no entanto, a realização de trabalho de campo e a vivência direta com determinado tema, pode propiciar uma aprendizagem significativa, principalmente no que diz respeito as percepções com objetos reais. Conhecer o centro da cidade, vivenciando todas as dinâmicas presentes podem contextualizar o emaranhado de serviços e processo de expansão do espaço urbano.

Diversos recursos podem ser utilizados durante o processo de ensino-aprendizagem das pessoas com deficiência visual, dentre os auxílios para ampliação da função visual e recursos que traduzem conteúdos visuais em áudio ou informação tátil, destacados por Bersch (2017).

Vale ressaltar a importância dos mapas táteis, que são muito utilizados no ensino de Geografia e cumprem importante papel, consistem em representações gráficas de formas

Espaciais e fenômenos geográficos, são elaborados com textura sensíveis ao toque, relevo e materiais diversos (LOCH, 2008; VENTORINI, 2014).

Os mapas táteis permitem a compressão dos elementos espaciais, os conceitos são criados ou novos significados são atribuídos. Além disso, os recursos de Tecnologia Assistiva (TA) são essenciais para pessoas com deficiência visual, podem propiciar a autonomia e a inclusão, no entanto, devem ser utilizados conforme as subjetividades das pessoas com deficiência, levando em consideração seus conhecimentos prévios e singularidades.

A educação para as pessoas com deficiência no Brasil, é marcada por contradições, em um primeiro momento os atendimentos eram realizados predominantemente em instituições filantrópicas, associadas a locais de auxílio e caridade, a concepção utilizada era de caráter médico e assistencialista, posteriormente, foram originadas perspectivas educacionais fundamentadas no processo de ensino-aprendizagem das pessoas com deficiência (JANNUZZI, 2012).

A lógica das instituições de ensino que dividem os estudantes em “normais” e com “deficiência” refletem a visão determinista e reducionista do pensamento científico reforçando a necessidade de romper com o velho modelo escolar, a inclusão requer uma reconstrução das propostas de profissionalização e formação continuada existentes, políticas públicas e currículo escolar (MANTOAN, 2015).

Partindo desses pressupostos, a inclusão deve ser concebida como um processo contínuo de reflexão-ação, é preciso refletir sobre todas as concepções, unir forças e ideais para consolidar práticas humanizadoras, multiculturais e inclusivas. Não existe manual para tornar a inclusão uma realidade, mas as especificidades de todos os estudantes devem ser consideradas. A inclusão deve ser pensada em termo de direitos civis, todas as pessoas têm direito a educação, para realizar práticas inclusivas na sala de aula os conteúdos devem ser planejados para todos, as aulas não devem ser fragmentadas (VALLE; CONNOR, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram da pesquisa oito pessoas com deficiência visual, com cegueira congênita e adquirida, em síntese: 75% dos participantes da pesquisa possuem cegueira adquirida, por conta

de diabete, glaucoma alterado, uso de medicamentos e erros médicos e 25% possuem cegueira congênita pela patologia da retinopatia da prematuridade. Os participantes foram encontrados por meio do método bola de neve, inicialmente foram informados dez contatos, mas do decorrer da pesquisa oito participaram de forma ativa.

Toda a pesquisa foi realizada de forma virtual, por conta do contexto pandêmico que vivenciávamos, o contato inicial ocorreu via WhatsApp no qual os objetivos da pesquisa foram destacados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado e dúvidas foram sanadas, após a formalização do aceite todas as questões da entrevista semiestruturada foram enviadas por áudio, os participantes da pesquisa preferiram esse formato, pois consideraram acessível.

Após conhecer as especificidades dos participantes da pesquisa, a entrevista semiestruturada com as pessoas com deficiência visual, foi iniciada com as seguintes questões: O que você entende por cidade? Qual definição você daria para cidade? Quais percepções você tem quando está na cidade de Londrina (PR)? Todos ao falar sobre a cidade destacaram os seguintes elementos: rua, casas, prédios, serviços, aglomeração de pessoas, tráfego de veículos, barulho, local estruturado para se viver, estudar e trabalhar. Esses elementos foram citados por todos os participantes da pesquisa, porém, as definições e os significados sobre a cidade foram diversificados, segundo suas vivências.

As pessoas estabelecem relações sociais e geografias pela cidade, realizam atividades diversificadas de acordo com seus interesses e com a lógica do capital, por conta disso atribuem significados diferentes, diretamente articulados com o cotidiano estabelecido na cidade. As pessoas cegas compreendem o mundo por meio de percepções cinestésicas utilizando como referência básica o próprio corpo.

De acordo com 08 pessoas com deficiência visual, a partir de suas práticas cotidianas (mobilidade espacial, percursos na cidade, usos da infraestrutura urbana), principalmente no que diz respeito a acessibilidade, mobilidade urbana, a cidade é “um lugar onde tem várias casas, vários prédios, hospital bastante coisa assim sabe, cidade assim pra todo mundo sabe? essa é minha percepção de cidade” (Participante 01). Destacou ainda que a compreensão do que é cidade, foi originada na infância com as mediações da terapeuta ocupacional, que utilizava carros de brinquedo para contextualizar sobre a rua e blocos de lego para exemplificar prédios e casas.

A cidade foi definida ainda como “um conjunto onde se engloba trabalho, moradores, vendedores, educação, escola, vendas. Minha definição é urbanismo, gerar povos de todas as

nações (Participante 02). O caráter multicultural da cidade foi destacado, além da diversidade de serviços que são considerados indispensáveis “a cidade precisa de escolas, faculdades, hospitais, o que precisa ter dentro da cidade é bem complexo [...] fóruns delegacias. Tem que ser completinho para gente ter uma vida boa em toda a cidade” (Participante 04).

A cidade foi definida como um lugar com concentração de casas, prédios e serviços diversificados e lugar que precisa ter acessibilidade “[...] é um lugar que me dá condições pra trabalhar estudar, ter uma vida boa [...] queria uma cidade acessível pra andar, ter meu direito de ir e vir sem depender tanto das pessoas” (Participante 05).

O caráter de densidade demográfica foi citado nas entrevistas, a cidade é definida como lugar de encontro, de lazer e movimento, por conter essa dinamicidade deve conter acessibilidade para garantir o direito de ir e vir de todas as pessoas (Participante 7). A função que a cidade exerce sobre as atividades do campo foi destacada, evidenciando seu papel de gestão, controle e articulações existentes, bem como os movimentos pendulares das pessoas do campo para a cidade em busca de serviços especializados e complexos.

Além dos serviços, aglomeração de casas, e prédios, os participantes da pesquisa definem a cidade como “[...] uma região que tem muitas pessoas, aglomeração de pessoas vamos dizer assim, é onde tem indústrias, comércios, acho que é isso. O básico, as casas muitas e muitas aglomerações” (Participante 06).

As percepções da cidade estão diretamente articuladas com as especificidades de cada um, as pessoas com deficiência visual adquirida destacaram que possuem memórias e mapas mentais da cidade de Londrina (PR), porém devido as crescentes transformações da cidade, localizam-se por outros sentidos. No caso, das pessoas com deficiência visual congênita, as formas e representações da cidade foram apresentadas durante o desenvolvimento cognitivo, principalmente com o auxílio de terapeutas ocupacionais, e estímulo de docentes da Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) com recursos didáticos inclusivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que as oito pessoas com deficiência visual entrevistadas, atribuem significados diversos para a cidade, tendo em vista que as experiências cotidianas na cidade de Londrina (PR) são subjetivas. De acordo com as percepções socioespaciais dos entrevistados, a cidade pode ser definida como lugar que possui várias casas, prédios,

aglomeração de pessoas, serviços, comércios, ruas, tráfego de veículos, é o lugar de trabalho, estudo e lazer. Nota-se que as concepções contemplam a dinâmica presente na cidade, que é o lugar que articula diversos setores econômicos, além de concentrar a maior parte da população.

O ensino de Geografia possui uma grande diversidade de conteúdos e proporciona um amplo conhecimento sobre a dinâmica espacial, devido a tais características, é extremamente importante no processo de ensino-aprendizagem das pessoas com deficiência visual. Nesse sentido, é essencial realizar articulações entre fundamentos teóricos e aproximações com o espaço vivido dos estudantes, a cidade como uma escala de análise cumpre importante papel.

Materiais inclusivos como mapas e maquetes táteis são recursos importantes para compreender a organização espacial e pensar sobre sua representação, contribuindo ainda para estabelecer relações entre as vivências das pessoas com deficiência visual. Todas as práticas educativas devem ser inclusivas e humanizadoras, a ação docente deve ser constituída pela tríade: diálogo, reflexão e inclusão. Os conhecimentos prévios de todos os estudantes devem ser valorizados, de acordo com suas subjetividades e especificidades.

O ensino de Geografia deve propiciar uma formação crítica que permita ao indivíduo, com ou sem deficiência, se relacionar e interagir com sociedade em que vive, almejando sua autonomia e reconhecimento de seus direitos e deveres, possibilitando a compreensão acerca das contradições do espaço geográfico ao qual está inserido, e em outras escalas. A prática docente deve ser inclusiva, deve contemplar todos os saberes, tendo em vista que as experiências podem contribuir na construção do pensamento crítico e dialético. Por isso, o diálogo é peça chave na prática docente, que não deve ser mecanicista, mas humanizadora e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação; a importância da leitura de mapas; o domínio espacial no contexto escolar** propostas de atividades. 15 edição, 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2002.

BERSCH, Rita. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: Assistiva/Tecnologia da Educação, 2017. 20 p.

CAIADO, Katia Regina Moreno. **Aluno com deficiência visual na escola: lembranças e depoimentos**. 3ª edição. Campinas – SP: Autores associados, 2014. 146p.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. 9.ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A cidade e a cultura urbana: um estudo metodológico para se ensinar Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 85, p. 95-111, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, julho-diciembre, p. 01-18, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaio de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2012.

JANUZZI, Gilberta de Martino. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. 3ª Edição Revista Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

LOCH, Ruth Emilia Nogueira. Cartografia Tátil: Mapas para Deficientes Visuais. In: **Portal da Cartografia**. Londrina, volume 1, nº.1, maio/ago. p. 35-58, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015. 96p

MICHAELIS. **Definição de cidade**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cidade/>>. Acesso em: 03 de nov de 2023.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

TRILLA, J. B. **Cidades Educadoras**: bases conceptuales. In: ZAINKO, M. A. S. (Org.). **Cidades Educadoras** Curitiba: Ed. da UFPR, 1997. p. 13-34.

VALLE, Jan W; CONNOR, David J. **Ressignificando a deficiência**: da abordagem social às práticas inclusivas na escola. Tradução: Fernando de Siqueira Rodrigues; revisão técnica Enicéia Gonçalves Mendes; Maria Amélia Almeida. Porto Alegre: AMGH, 2014. 240p.

VENTORINI, Sílvia Elena. **Representação gráfica e linguagem cartográfica tátil**: estudo de casos. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

VIGOTSKI, L, S. **Problemas da defectologia**. Prestes, Z & Tunes. E. (Orgs) **Expressão popular**: 1ª Edição, São Paulo, 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016. 313p